

1) Os conceitos de meio técnico-científico-informacional e de território podem ser entendidos como basilares para a ciência geográfica por permitirem a análise do espaço enquanto processo inconcluso e permanente das relações de reprodução do capitalismo, envolvendo múltiplos agentes, práticas espaciais e diferentes escalas.

Inicialmente faz-se fundamental explicar acerca da valiosa contribuição de Milton Santos, que identificou as transformações do espaço ao longo do tempo sob a perspectiva da técnica. O referido autor assinala, em primeiro lugar, a estruturação do meio natural, em que predominava o trabalho manual, com baixa densidade técnica, na produção agrícola e artesanal, neste período os meios de transporte eram lentos, dificultando em grande medida uma integração espacial de escalas ampliadas. O advento da indústria traz consigo uma expressiva difusão de objetos técnicos pelo espaço, criando verdadeiras "paisagens artificiais" e permitindo uma maior fluidez do espaço geográfico e, conseqüentemente, estimula uma gradativa unificação do mercado mundial. Por fim, Santos assevera que os tempos atuais assistem à formação do meio técnico-científico-informacional. Inaugurado pela Revolução Tecnocientífica (3ª Rev. Industrial), o meio técnico-científico-informacional caracteriza-se pela incessante onda de inovações tecnológicas (nos campos da inovação, da biotecnologia, da automação, da robótica) que se incorporam ao espaço alterando sua forma, dinâmica e organização. De forma sintética é possível afirmar que o meio técnico organiza-se em torno da Rede de Transportes e das redes de comunicação analógica, já o meio técnico-científico-informacional estrutura-se a partir das redes de comunicação digital, reduzindo bastante o custo de transferência de informações.

É válido frisar a coexistência dos meios natural, técnico e técnico-científico-informacional no conjunto da organização da sociedade e do mercado mundiais. Este fato tem relevância, pois autoriza pensar o espaço como produto heterogêneo do processo de reprodução capitalista, em que o espaço, tal qual via mercadoria, é produzido e comercializado segundo o grau de técnica que guarda.

Em tempos de globalização e de aprofundamento das relações capitalistas de produção ocorre uma nova disposição do espaço inteiro, acentuando a divisão territorial do trabalho e a hierarquização dos espaços pela geração de novas centralidades. Em caso entendido, a Professora Ana Fani, que sustenta a ideia apresentada acima, contribui grandemente para a compreensão do meio técnico-científico-informacional. Tendo como base a cidade, ou melhor, a metrópole, Ana Fani apresenta o meio técnico-científico-informacional como "espaço-mercadoria" de grande valor em meio às relações entre processo de produção e desenvolvimento das forças produtivas. Cumpre ressaltar que a análise de Ana Fani não se limita ao meio técnico-científico-informacional, podendo considerar os meios natural e técnico como "mercadorias" de menor valor pela menor concentração de densidade técnica-informacional em seus objetos.

Assim, as relações entre processo produtivo e desenvolvimento das forças produtivas produzem novas possibilidades de realizar e acumular, sustentada pela capacidade técnica presente no espaço. O espaço-mercadoria do meio técnico-científico-informacional se vê submetido ao mercado, organizado e estruturado para a troca, reconfigurando os modos de apropriação e de uso pela sociedade.

Conceito de TERRITÓRIO também demanda que sua análise seja feita pelo prisma do meio técnico-científico-informacional, ou seja, o TERRITÓRIO da mundialização contemporânea não se restringe a fixidez e a rigidez das fronteiras dos TERRITÓRIOS nacionais. De fato, o TERRITÓRIO, muito ligado a ideia de poder e controle, ressignifica seu conteúdo para dar conta da liquidez das transações internacionais de capitais, da fragmentação do processo produtivo industrial ou, ainda, dos problemas ambientais globais. Neste sentido, é reconhecida a importância do trabalho do professor Robert Haesbaert na busca pelo entendimento do conceito de TERRITÓRIO, bem como a produção do professor Marcelo Lopes de Souza.

Haesbaert, privilegiando a dimensão relacional do TERRITÓRIO, aponta que a fluidez do espaço encontra sua antítese nas populações de migrantes e refugiados, que, muitas vezes, enfrentam diversas barreiras para acessar outros TERRITÓRIOS. Dessa forma, "TERRITÓRIOS de contenção" (como campos de refugiados) servem como espaços de confinamento para os "indesejados", que constroem suas territorialidades temporárias como meio de sobrevivência e afirmação espacial. De forma semelhante, Souza entende que o TERRITÓRIO é formado por e a partir relações de poder, circunscrevendo a vida no espaço e a apropriação social do TERRITÓRIO.

Portanto, ainda que o meio técnico-científico-informacional esteja pautado pela fluidez e aceleração, recruta sendo a produção espacial como mercadoria reprodutível, ainda se faz presente a ideia de permanência, estabilidade para que a apropriação do espaço não se restrinja à efemeridade ou a processos precários de variabilidade, que induzem a um enfraquecimento da vida no espaço.

2) Poder-se-á afirmar que o meio técnico-científico-informacional guarda importantes aspectos em sua estruturação, contudo destacaremos apenas dois: a crescente artificialização da paisagem e a desigual concentração da produção científico-tecnológica. Ambos fatores estão muito próximos e, por isso, serão analisados conjuntamente.

O meio técnico-científico-informacional desenvolve-se em meio às relações do processo de produção e do desenvolvimento das forças produtivas, resultando, entre outras coisas, numa reconfiguração da paisagem dos lugares, seja no campo ou na cidade, marcadas pelas belezas tecnológicas. Assim, o espaço geográfico está impregnado de elementos científicos, tecnológicos e informacionais voltados, fundamentalmente, para a reprodução ampliada do capital. Em processo concomitante, o mercado dita um ritmo cada vez mais rápido para o desenvolvimento de novas tecnologias com o fim de aumentar a concentração de capital, todavia a produção científica-tecnológica está concentrada em determinados espaços, como os tecnopólos do hemisfério norte, gerando uma profunda cisão na organização do processo produtivo mundial.

Não é de outra forma que o processo de reprodução do espaço, em escala global, encontra-se condicionado pela hierarquização dos espaços no interior da divisão internacional do trabalho. Por conseguinte, o processo de reprodução do espaço a partir do processo de reprodução da sociedade se realiza produzindo novas contradições, com destaque para a apropriação privada do espaço, que diferencia os modos de consumo do espaço. Neste sentido, o espaço enquanto mercadoria tem seu uso e apropriação subordinados ao mercado.

É justamente neste contexto que novas territorialidades surgem frequentemente, ressignificando e alterando a dinâmica socioespacial. O aprofundamento da Divisão Internacional do Trabalho combinado com a ampliação da natureza socialmente modificada, cada vez mais artificial, incentiva a proliferação de diversos movimentos vinculados ao controle de territórios, desde a formação de territórios do comércio informal, dominados por uma massa que não consegue se inserir nos circuitos econômicos formais, mas que se beneficia de todos os recursos artificiais disponíveis para comprar e negociar suas mercadorias; até a destruição de territorialidades de movimentos temporários, como o movimento Sem Teto, que ocupa imóveis abandonadas como protesto à crescente mercadificação do espaço de moradia perante a desconsideração do seu valor de uso, simbolizando a vitória do valor de troca. Assim, o espaço produzido enquanto mercadoria entra no circuito da troca, atrai capitais, viabilizando sua contínua reprodução.

Portanto, novas territorialidades surgem como resposta às novas regras do mercado, ensejando uma "adaptação para inclusão (precarizante)" ou como contestação/resistência aos efeitos perversos da globalização, ou, mais precisamente, da reprodução do espaço como mercadoria. É o meio técnico-científico-informacional que guarda, desigualmente, os recursos que viabilizam sua manutenção e ampliação/reprodução desdortinando novas territorialidades.

3) O modo técnico-científico-informacional não relaciona-se com a ideia de contiguidade, estando atrelado à Revolução Tecnocientífica, encontra-se apoiado na ideia de dispersão, descontinuidade, fluidez. O território brasileiro apresenta com nitidez este fato: a "Região Concentrada", fundamentalmente o Centro-Sul brasileiro, é identificada pela aceleração contemporânea, com equipamentos e objetos técnicos sofisticados que viabilizam transações financeiras, articulação econômica mundial e produção agrícola de alta tecnologia; há ainda grandes centros urbanos com metrópoles densamente povoadas. Por outro lado, as outras regiões ("Regiões dispersas") sofrem com a precariedade dos meios de comunicação e transporte, apresentando baixos índices de produção industrial e produção agrícola de baixa tecnologia, com aglomerados urbanos menos desenvolvidos.

A partir deste quadro geral sintético é possível tecer algumas importantes considerações. A primeira delas é a afirmação de uma divisão territorial do trabalho, em que os pontos mais luxuosos do território nacional comandam política e economicamente o Brasil. A concentração das sedes de empresas e bancos, assim como dos melhores centros universitários de pesquisa, colocam as grandes metrópoles brasileiras no topo da hierarquia, enquanto os demais espaços (opacos) gravitam ao redor deste topo, buscando recursos e meios para atenderem às demandas. Essa constatação inicial sinaliza uma grave desigualdade socioambiental, tendo em vista as disparidades locais em tecnologia, recursos financeiros e poder político para o desenvolvimento socioespacial.

A segunda afirmação traz à tona a transescolaridade do fenômeno do modo técnico-científico-informacio-

nal, ou seja, os espaços densamente tecnificados estão presentes em diversas partes do país. Dispersamente localizados, eles centralizam poder e informação, aprofundando uma possível "segregação territorial do trabalho". Por outro lado, essa mesma dispersão colabora parcialmente para a estruturação de uma rede nacional metropolitana, estabelecendo laços político-econômicos, articulada, simultaneamente, vertical e horizontalmente.

Por fim é possível afirmar <sup>que</sup> a prevalência do aspecto tecnológico não é o único determinante do poderio político-econômico dos espaços. A tecnologia é um elemento central para a consolidação do meio técnico-científico-informacional, contudo ~~este~~ este meio responde a uma demanda do mercado, que carece constantemente de maior aceleração e integração para dar prosseguimento ao processo de reprodução ampliada do capital. Destarte, os locais com maior capacidade técnica são mercados de maior valor, orientando os investimentos financeiros e atraindo mais capitais ~~em~~ em direção a uma gradativa reprodução do capital, fato que acentua as desigualdades socioambientais brasileiras.